



A tabuinha numérica de Kani Shaie, Curdistão Iraquiano

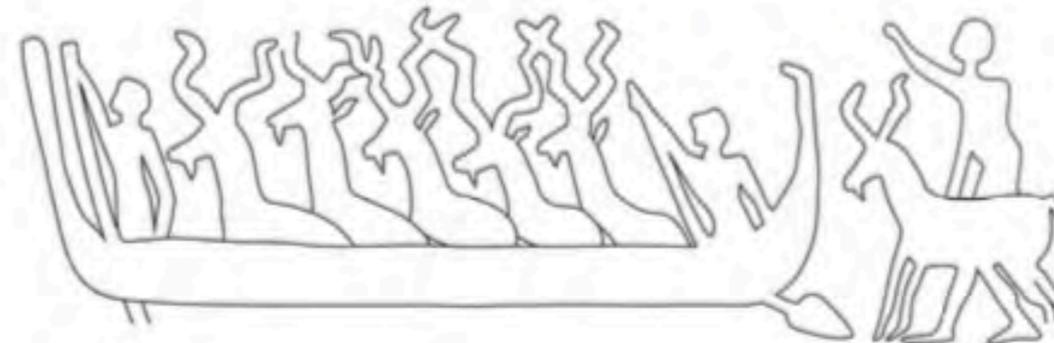
André Tomé | CEAACP/FCT/UCoimbra

Kani Shaie é um pequeno monte artificial com ca. 1ha localizado no Vale de Bazyan na província de Sulaimaniyah, Curdistão iraquiano. Desde 2013 que um projeto colaborativo (KSAP) entre a Universidade de Coimbra, Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Património e a Universidade de Pensilvânia tem estudado este sítio arqueológico fornecendo um conjunto de dados inéditos para o estudo do Calcolítico e Idade do Bronze na Ásia Ocidental a partir de um território até então considerado como terra incognita.

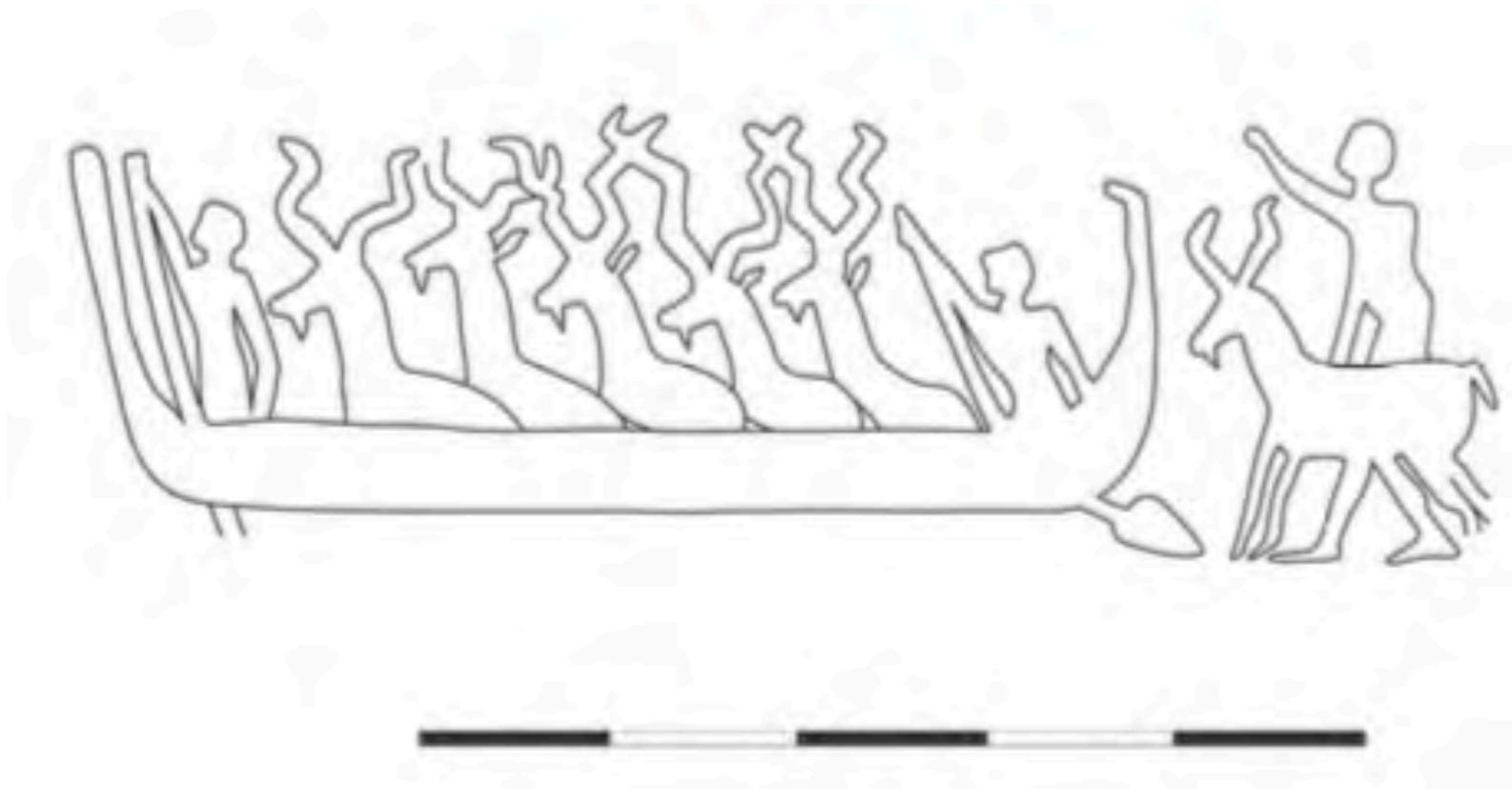
Das evidências destapadas nas três campanhas de escavação realizadas até ao momento destaca-se a tabuinha numérica SF-1017-SF-27 (fig. 1), um artefacto excepcional, que contribui inequivocamente para as reflexões em torno do aparecimento de métodos de administração complexos, como a escrita, e sobre as dinâmicas de relação entre a Mesopotâmia propriamente dita e este território até aqui considerado marginal relativamente aos desenvolvimentos tecnológicos e sociais ao longo do quarto e terceiro milénios.



KS13 - 1017-SF-27



Tabuinha numérica SF-1017-SF-27 descoberta em Kani Shaie (© KSAP)



A tabuinha de argila mede 5x5,5cm e tem aproximadamente 1,5cm de espessura. Foi moldada num retângulo arredondado e está praticamente intacta, exceptuando uma pequena falha no lado superior direito. A superfície superior (anverso) da tabuinha tem uma única impressão circular profunda que não atravessa diametralmente a peça. Foi impressa várias vezes com um selo cilíndrico na superfície superior (duas impressões roladas horizontalmente) e nas laterais (duas impressões). O reverso não apresenta qualquer marca, evidenciado marcas de cozedura a uma temperatura

elevada. O selo cilíndrico usado para marcar a tabuinha seria bastante pequeno, com um corpo grosso e achatado de aproximadamente 2,5 cm de altura e uma circunferência de aproximadamente 6,5 cm. Iconograficamente esta impressão revela um homem de pé atrás segurando um quadrúpede com chifres em espiral. À sua frente surge um longo barco com extremidades sobre-elevadas em ambos os lados. Na parte de trás e na frente do barco são visíveis dois remadores talvez sentados. Entre os remadores estão cinco quadrúpedes com chifres em espiral e pequenas

barbas. Estilisticamente a cena parece encaixar bem na tradição do Calcolítico Final 4 (ca. 3300-3100), não obstante o uso de barcos ser praticamente exclusivo de representações religiosas. O motivo gravado nesta impressão é também algo incomum, um homem supervisionando aquilo que parece o carregamento de animais, possivelmente caprinos, via rio. São, aliás, raríssimas as imagens que reportam atividades de transporte e/ou transação comercial como esta tabuinha parece atestar.

A tabuinha de argila mede 5x5,5cm e tem aproximadamente 1,5cm de espessura. Foi moldada num retângulo arredondado e está praticamente intacta, exceptuando uma pequena falha no lado superior direito. A superfície superior (anverso) da tabuinha tem uma única impressão circular profunda que não atravessa diametralmente a peça. Foi impressa várias vezes com um selo cilíndrico na superfície superior (duas impressões roladas horizontalmente) e nas laterais (duas impressões). O reverso não apresenta qualquer marca, evidenciando marcas de cozedura a uma temperatura elevada. O selo cilíndrico usado para marcar a tabuinha seria bastante pequeno, com um corpo grosso e achatado de aproximadamente 2,5 cm de altura e uma circunferência de aproximadamente 6,5 cm.

Iconograficamente esta impressão revela um homem de pé atrás segurando um quadrúpede com chifres em espiral. À sua frente surge um longo barco com extremidades sobre-elevadas em ambos os lados. Na parte de trás e na frente do barco são visíveis dois remadores talvez sentados. Entre os remadores estão cinco quadrúpedes com chifres em espiral e pequenas barbas. Estilisticamente a cena parece encaixar bem na tradição do Calcolítico Final 4 (ca. 3300-3100), não obstante o uso de barcos ser praticamente exclusivo de representações religiosas. O motivo gravado nesta impressão é também algo incomum, um homem supervisionando aquilo que parece o carregamento de animais, possivelmente caprinos, via rio. São, aliás, raríssimas as imagens que reportam atividades de transporte e/ou transação comercial como esta tabuinha parece atestar.

A marca numérica, cuja quantificação não podemos senão especular a partir da escrita cuneiforme mais tardia, avaliada

em conjunto com a iconografia da peça, obriga-nos a assinalar o carácter de entreposto comercial que Kani Shaie poderá ter tido a partir da segunda metade do 4º milénio a.C., provavelmente inserida num processo designado como “Expansão de Uruk” em que vestígios da cultura material tipificada como sendo do sul Mesopotâmico, pode ser encontrada em regiões mais setentrionais como esta. No caso dos montes Zagros, à excepção do sítio de Godin Tepe, numa zona mais meridional, em território iraniano, Kani Shaie é o único local que até ao momento evidenciou semelhante recurso administrativo. Esta tabuinha, lida como documento de prova de transação comercial, atesta a complexidade das transformações ocorridas na Ásia Ocidental ao longo do quarto e terceiro milénio. É um pequeno sítio se olharmos para a escala das primeiras cidades a sul (Sul do Iraque e Sudoeste iraniano) e a norte (Síria e Norte do Iraque) mas o aparato burocrático parece ser o mesmo, algo que nos obriga necessariamente a repensar a forma como interpretamos o território e o papel dos pequenos sítios nas transformações operadas ao longo deste período de enorme ebulição tecnológica e transformações sociais.

Poderão ser consultadas mais informações sobre Kani Shaie nas seguintes fontes:

<https://www.kanishaie.org>

[The Kani Shaie Archaeological Project](#)



Anastasia Ax & Lars Siltberg. EXILE. Museu de Arte Contemporânea de Serralves, 19 de Setembro de 2015.